

A morte não é a última palavra MEDITAÇÃO 2

Em forma de introdução

Caros peregrinos,

A Eternidade concerne-nos a todos. Deus criou-nos para nos tornarmos participantes da Sua vida bem-aventurada. Essa finalidade dá total sentido à nossa vida. Até mesmo a morte se pode transformar numa obra satisfatória. O que acontece com a harmonia entre o corpo e a alma no momento da morte? Devemos negligenciar o corpo, que tende a enfraquecer com o tempo, e procurar preservar a alma, que pode progredir até ao último dia?



Ideias principais

- Por que estamos na terra? O que Deus quer de nós?
- A imortalidade da alma humana é um dom da graça de Deus.
- O momento da nossa morte é decisivo após a batalha diária que teremos travado ao longo da nossa vida contra o pecado.
- A curiosidade incessante dos homens sobre o que acontece após a morte. Como os pagãos respondem a essa pergunta?
- A Igreja, mãe e mestra, oferece algumas precisões a serem conhecidas sobre o juízo particular.
- É uma bênção pensar hoje na nossa morte em vez de cobri-la com um lenço, desviando a mente desse momento importante da nossa vida.

A Eternidade nos concerne a todos

Imagina um pai ou uma mãe de família confidenciando-se a amigos íntimos: "Neste momento, estamos a viver um verdadeiro inferno em casa com os nossos grandes adolescentes.

" Imaginem ainda uma sexagenária de Neuilly em conversa com seu cabeleireiro: "Eu e o meu marido compramos uma pequena casa na Ilha de Ré, conhece? É absolutamente encantadora, um verdadeiro pedaço do paraíso!"

Termino agora com a entrevista de um jogador de rugby ao final do apito final: "Estamos felizes por ter merecido essa vitória até o último fio do uniforme. Depois de um início de temporada bastante difícil,

Os pontos conquistados por essa vitória fazem-nos bem. Temos a sensação de sair um pouco do Purgatório."

O Inferno. O Paraíso. O Purgatório. Essas três realidades que pertencem à Fé católica e ao dado revelado acabaram por se tornar parte do nosso patrimônio cultural, civilizacional...

No nosso quotidiano, não hesitamos em recorrer a essas imagens evocativas ligadas ao nosso destino inevitável: a morte. Essas imagens falam-nos, o que é normal. Porque, no fundo, a nossa natureza humana pressente, de maneira mais ou menos confusa, que a eternidade nos diz respeito.

Por que Deus criou o homem?

A primeira pergunta do Compendium do Catecismo da Igreja Católica dá-nos elementos de resposta: "Qual é o desígnio de Deus para o homem? Infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, Deus, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para torná-lo participante de Sua vida bem-aventurada."

Criatura, o ser humano é uma dependência absoluta. Não é um ser de direito, mas apenas um ser de facto. Enquanto começa a nossa peregrinação, proponho refletirmos juntos sobre as grandes verdades, infelizmente tão esquecidas, do nosso destino eterno.

Se os homens fossem seres de direito, então sempre teriam existido, seriam necessários. Mas um dia nascemos, um dia começamos. Isso permite-nos perceber, refletindo sobre isso, que por muito tempo o mundo passou sem nós... O lugar que ocupamos, ao longo dos séculos, revela-se inicialmente mínimo e reduzido. Amanhã deixaremos de existir e a terra continuará a girar...

Dito de outra forma: o pouco que somos, não nos demos a nós mesmos. O nosso corpo, a nossa alma, as características da nossa família, as nossas raízes, o nosso temperamento, a nossa saúde: não escolhemos nada. Muito nos foi dado no início. Deus não tinha necessidade de nós e, portanto, não foi por esse motivo, tão agradável ao nosso orgulho, que Ele nos criou.

"Senhor, por que me criaste?", aqui está o grande grito do homem! No início da nossa peregrinação, essa pergunta interior tem todo o direito de se tornar uma bússola. A sua resposta indicará o nosso azimute e guiará a nossa natureza ferida.

Ele chamou-nos à existência porque Ele aspira, num desígnio de pura bondade, a exercer em nós a sua liberalidade. O que o catecismo ensina tem o carácter de uma palmadinha nas costas, aquele que apoia, encoraja e consola. Cabe-nos a nós recebê-lo como tal e merecer a nossa Salvação. Somente então, na eternidade do Paraíso, poderemos, para nossa maior bem-aventurança, participar assim da vida divina de Deus através da adoração, louvor e serviço à Sua glória.

A imortalidade da alma humana

"Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer na geena a alma e o corpo ao mesmo tempo1."

No Catecismo da Igreja Católica, nº 366, "a Igreja ensina que cada alma espiritual é imediatamente criada por Deus - não é 'produzida' pelos pais; também nos ensina

"que é imortal: ela não perece na sua separação do corpo na morte e unir-se-á novamente ao corpo na ressurreição final".

A alma, sendo uma realidade espiritual, é, portanto, imortal: há uma vida para ela após a vida nesta terra.

Mas o homem não é apenas uma alma: ele é corpo e alma, é espírito e matéria. Devido a essa matéria, a morte - que, lembremos, é a separação da alma imortal do nosso corpo mortal - é filosoficamente natural para o homem, pois é normal, em si, que a matéria se desintegre após um certo tempo. E, no entanto, quando o homem entrou no mundo, no Paraíso terrestre, Adão e Eva

foram criados imortais por Deus: não deveriam ter morrido. Essa imortalidade original do homem não era uma propriedade da sua natureza, mas um presente da graça.

No entanto, o que era um presente que Deus havia dado à nossa natureza foi perturbado: Adão e Eva, ao cometerem o primeiro pecado, introduziram a morte no mundo. Através de nossos primeiros pais, todos pecamos. Como uma nota dissonante numa harmonia musical, a universalidade do pecado causou um caos geral. A desarmonia entrou no mundo por causa do pecado original. E é por isso que a morte é agora uma punição para o homem, pois perdemos a nossa imortalidade por desobediência.

O momento decisivo da nossa morte

Conhecemos as palavras de Santa Teresinha do Menino Jesus: **"Não morro, entro na Vida"**. Para o verdadeiro discípulo de Cristo, a morte não tem o mesmo significado que para o mundano, pois ao morrer na Cruz e ressuscitar, Jesus transformou o significado da morte cristã: era um beco sem saída, torna-se uma passagem para o Céu. É como a atualização do seu batismo: "morto com Cristo" sacramentalmente pelo batismo, o cristão é chamado a morrer para o pecado cada dia mais: "Assim, fazei morrer os vossos membros, os membros do homem terrestre, a fornicação, a impureza, a paixão, os maus desejos e a cobiça, que é idolatria".

Essa luta espiritual diante dos desafios da existência e a perspectiva da morte são oportunidades para nos configurarmos com Cristo, morto e ressuscitado para o resgate dos nossos pecados. **A morte, que é a pena máxima do pecado, é assim transformada em obra satisfatória se for aceite e vivida em união com a morte de Cristo.**

Para o batizado, a morte torna-se então desejável, torna-se um bem: o dia da morte torna-se o dia natalis, o dia do nascimento para o Céu: "Pois, para mim, viver é Cristo, e morrer é um ganho. Se eu tiver de viver ainda nesta carne, isso significa um trabalho frutífero para mim; e o que devo escolher não posso dizer. Sinto-me pressionado pelos dois lados: tenho o desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito melhor, mas, por outro lado, ficar na carne é mais necessário por vossa causa".

Não é por acaso que o diabo, "como um leão rugindo, anda ao nosso redor procurando a quem possa devorar", procura nos dispersar,

2. Epístola de São Paulo aos Colossenses (3, 5)

3. Epístola de São Paulo aos Filipenses (1, 20-24) 4. Primeira epístola de São Paulo (5, 8-9)

entretendo-nos com a questão crucial do nosso destino. Mais do que nunca, um dos dramas do mundo pós-moderno reside num facto: a ocultação da morte.

- Os anúncios, redes sociais, programas de televisão, campanhas informativas do governo, diversos treinadores abordam inúmeros temas: ensinam-nos a comer frutas e legumes, a fazer exercícios, a dormir bem, a respeitar o planeta, a separar os nossos resíduos... Mas quem tem a verdadeira ambição de nos ensinar a "morrer bem" de facto? Quem nos ensina a nos preparar para a morte?

A questão da morte, entranhada na alma de todo o homem, acaba sempre por atormentá-lo. Assim, em vez de promover uma reflexão religiosa sobre o assunto do destino eterno, os meios de comunicação mencionam o além de maneira indireta, heterodoxa, recorrendo a artifícios sensacionalistas: os famosos programas na M6 ou RMC Story no final da noite... "Paranormal, normal", "Os médiuns, dizem a verdade?", "Experimentaram a morte e voltaram" ... Todos esses

programas utilizam títulos chamativos para impulsionar a audiência. Longe de responder às questões existenciais dos homens, esses documentários ou pseudo-investigações procuram despertar uma curiosidade mórbida.

Antigamente, as gerações eram impregnadas por essa ideia de morte. Todos viviam mesmo com a morte, desde a mais tenra idade. Três gerações compartilhavam o cotidiano doméstico sob o mesmo teto. Velávamos pelos mortos, observávamos os animais morrerem. Para todos e cada um, não havia a menor dúvida de que nossa vida terminaria um dia, e nos preparávamos para isso com serenidade.

Hoje, a morte é tão ocultada, tão esquecida, que pensar nela parece suspeito, mencioná-la torna-se curioso, confrontar-se com ela em seu círculo às vezes gera fragilidades psicológicas desconhecidas por nossos antepassados. **A morte, tornada constrangedora, acaba por paralisar. "Esconde essa morte que eu não consigo ver..."**

E, no entanto, a angústia metafísica da eternidade permanece em nossos contemporâneos, apesar do que a doxa dominante tenta fazer-nos acreditar. Daí a importância de apresentar claramente o ensinamento da Igreja sobre o além.

Alguns esclarecimentos sobre o julgamento particular

A morte é o termo da nossa existência terrestre. Essa é a lei universal da humanidade: para entrar na eternidade, é preciso morrer.

Uma teoria moderna que circula bastante procura tranquilizar-nos afirmando que após a morte, ou na morte, ainda poderíamos escolher Deus e renunciar ao pecado: é a teoria da opção final. Mas o perigo dessa teoria é eliminar todo o desafio da vida terrena e a capacidade real do homem de escolher Deus ou rejeitá-lo nesta terra. No entanto, o Senhor diz-nos claramente: após a morte, seremos julgados pelas nossas obras, as da terra: é agora que faço a escolha, é hoje o tempo da Salvação. Não amanhã! Na morte, acabou o tempo do mérito e demérito. Tudo está consumado. As balanças eternas nesse instante realizam sua pesagem: é o momento do julgamento particular.

Pode ler-se no Catecismo da Igreja Católica: "A morte encerra a vida do homem como um tempo aberto para a aceitação ou rejeição da graça divina manifestada em Cristo. O Novo Testamento fala do julgamento principalmente na perspectiva do encontro final com Cristo na sua segunda vinda, [isso é o que chamamos de julgamento final] mas também afirma repetidamente a retribuição imediata após a morte de cada um, de acordo com as suas obras e fé [isso é o julgamento particular]. A parábola do pobre Lázaro e a palavra de Cristo na cruz ao bom ladrão, assim como outros textos do Novo Testamento, falam de um

destino final da alma que pode ser diferente para cada pessoa. Cada homem recebe em sua alma imortal a sua retribuição eterna logo após a morte, num julgamento particular que referencia a sua vida a Cristo, seja por meio de uma purificação, seja para entrar imediatamente na bem-aventurança do Céu, seja para ser condenado imediatamente para sempre5."

Como conceber esse julgamento particular? Um julgamento humano envolve três coisas: o exame da causa, o pronunciamento da sentença e a aplicação desta última.

O exame da causa ocorre instantaneamente: trata-se de uma ação divina que ilumina instantaneamente o estado da alma: seus méritos e deméritos, numa evidência que exclui qualquer sombra e discussão.

O pronunciamento da sentença resulta necessariamente, ela é enunciada à alma sob essa luz pela qual a alma se conhece em sua verdade, lendo a sua consciência como um livro: "Nenhuma criatura está escondida diante de Deus, mas tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas⁶." A alma não pode de forma alguma contradizer esse julgamento, pois sabe que é verdadeiro.

A aplicação da sentença é então imediata, consiste, por parte de Deus, num comando, e do lado da alma, num movimento em direção ao lugar da recompensa ou castigo.

Quem é o autor do julgamento? Deus mesmo (mas a alma não vê Deus face a face, ela é iluminada por Ele). São Tomás de Aquino esclarece que Cristo, enquanto homem, também intervirá no julgamento particular: "para torná-lo mais suave" (indulgente)⁷.

- Qual é o momento? É o próprio instante da morte e, mais precisamente, o primeiro instante da vida da alma separada, imersa imediatamente nessa luz plena que determina seu destino definitivo.

Assim, durante o julgamento particular, sua humanidade intervirá mesmo que não se manifeste. (Enquanto no julgamento geral, é o próprio Cristo quem julga). Seremos julgados pela verdade, seremos medidos por ela, e a Verdade é Ele.

Conclusão

"Os mortais que somos não têm menos cuidado de enterrar os pensamentos da morte do que de enterrar os mortos", afirmava o grande pregador Bossuet. Portanto, guardemo-nos de descartar de uma vez por todas a realidade, no entanto inexorável, da nossa morte!

"Lembra-te que és pó e que ao pó voltarás", ouvimos da boca do sacerdote durante a imposição das cinzas na abertura da quaresma. Ah, se pudéssemos, ao longo do ano, manter essa verdade diante dos olhos da nossa alma!

5. *Catécismo da igreja católica* n^{os} 1021 et 1022

6. Epístola de São Paulo aos Hebreus (4, 13)

7. *Summa Theologica* de São Tomás de Aquino (IIIa Q.59, 2)

Todas as manhãs, será altamente proveitoso repetirmos vocalmente esta sentença. Ajoelhados ao pé da nossa cama, ao acordar e ao deitar, será imensamente benéfico abraçar o nosso crucifixo ou o chão do nosso quarto em sinal de humildade, dizendo: "Lembra-te que és pó e ao pó voltarás."

Manteres-te pronto, no rastro do "Semper Parati" dos escuteiros: esse é o verdadeiro desafio da nossa vida batismal.

Não é por acaso que, na oração da "Ave Maria", pedimos à Virgem Maria que nos acompanhe na hora da nossa morte, pois é ela que poderá ajudar a salvar o que ainda houver a ser salvo.

Na noite da nossa vida, ouviremos frequentemente durante essa peregrinação: "Seremos julgados pelo amor", de acordo com a opinião de São João da Cruz. O mistério da nossa vida eterna só poderá ser esclarecido pela luz da nossa caridade vivida aqui na terra.

Bibliografia:

Pius Mary NOONAN, "L'option finale dans la mort", Sedes Sapientiae

nº 139 (março de 2017).

« Citações 2 - *A morte não é a última palavra*

De facto, sabemos que se esta tenda - nossa morada terrestre - for destruída, temos uma construção que é obra de Deus, uma casa eterna, não feita por mãos humanas, nos céus.

Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios (5, 1)

Portanto, estamos cheios de coragem e preferimos deixar este corpo para ir morar junto do Senhor.

Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios (5, 8)

Em verdade, em verdade, vos digo: aquele que crê, tem a vida eterna.

São João (6.47)

8. Saint Jean de la Croix, *Avis spirituels* n°56